



SANTANA, Luana. *A lágrima de um caeté*, de Nísia Floresta: edição atualizada com notas e estudo crítico de Constância Lima Duarte. In: **Revista Épicas**. Ano 4, N. 7, Jun 2020, p. 1-6. ISSN 2527-080-X.

A LÁGRIMA DE UM CAETÉ, DE NÍSIA FLORESTA: EDIÇÃO ATUALIZADA COM NOTAS E ESTUDO CRÍTICO DE CONSTÂNCIA LIMA DUARTE

A LÁGRIMA DE UM CAETÉ, BY NÍSIA FLORESTA: UPDATED EDITION WITH NOTES AND CRITICAL STUDY OF CONSTÂNCIA LIMA DUARTE

Luana Santana¹

FLORESTA, Nísia. **A lágrima de um Caeté**. Ed. atualizada com Notas e Estudo Crítico de Constância Lima Duarte para a 4ª edição. Natal: Fundação José Augusto, 1997.

Constância Lima Duarte, doutora e professora de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Minas Gérias (UFMG), organizou, em 1997, uma edição atualizada do livro *A lágrima de um Caeté*, de Nísia Floresta Brasileira Augusta e realizou um estudo crítico acerca dessa obra. O trabalho realizado por Duarte é parte de um estudo maior sobre Nísia apresentado como tese de doutorado em Literatura Brasileira², em que Duarte faz um estudo da vida e obra da autora.

Através da apresentação de Duarte, sabemos que Dionísia Gonçalves Pinto, conhecida pelo pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta³, foi uma escritora, educadora e poetisa nascida na

¹ Graduanda do Curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe, campus Itabaiana. Pesquisadora de Iniciação Científica, projeto "A invocação na poesia épica brasileira do século XIX", orientada pela Prof.a. dra. Christina Ramalho. Bolsista CNPq.

² Doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (1991).

³ Segundo Duarte, cada palavra em seu pseudônimo carrega um significado, sendo Nísia o final do seu nome de batismo Dionísia. Floresta seria uma homenagem feita ao sítio onde nasceu, Brasileira uma necessidade de afirmar o seu nacionalismo, mesmo tendo vivido quase três décadas na Europa. Augusta é uma homenagem ao seu segundo companheiro, Manuel Augusto de Faria Rocha, pai de seus filhos, com quem se casou em 1828.

cidade de Papari, no Rio Grande do Norte, no ano de 1810. Nísia é uma autora que deve ser lembrada com orgulho, pois ousou extrapolar o espaço do “lar” e publicou textos que não eram nada comuns para às mulheres daquela época. É considerada uma pioneira do feminismo no Brasil e foi provavelmente a primeira mulher a romper os limites entre os espaços públicos e privados, publicando textos em jornais, na época em que a imprensa nacional ainda engatinhava e que a censura era inevitável.

Em 1849, Nísia publicou a primeira edição da sua principal obra *A Lágrima de um Caeté*, sob o pseudônimo de Telesilla⁴. Duarte ressalta que os pseudônimos de Nísia foram criados também na intenção de evitar a censura imperial brasileira, principalmente por suas obras geralmente incutirem um teor revolucionário contra o conservadorismo vigente, seja na educação, seja na estética literariamente romântica em vigor no Brasil Império, perto da metade do século XIX.

Duarte (1997), ao falar de Nísia Floresta, destaca que ela não foi uma escritora muito conhecida na Literatura Brasileira, sobretudo se levarmos em consideração a história literária nacional do século XIX. No entanto, e na verdade, raras foram as mulheres que ultrapassaram as barreiras e publicaram obras tão ousadas e relevantes para destacar a realidade daquela época. Com seus discursos progressistas em defesa do oprimido, seja ele o índio, o negro ou a mulher, Nísia mostrou a história real dos marginalizados, não se prendendo apenas à idealização deles.

Entre as muitas obras escritas por Nísia Floresta, Duarte (1997) dá ênfase em uma que se destaca por se inserir de forma especial e significativa no contexto romântico indianista, isto é, na primeira fase do romantismo brasileiro: o poema épico *A Lágrima de um Caeté*, publicado no Rio de Janeiro em 1849. Esse poema possui 712 versos alternados entre heptassílabos, hendecassílabos e redondilha menor, e tem como matéria épica o processo de degradação do índio brasileiro colonizado pelo homem branco português e o drama vivido pelos liberais durante a Revolução Praieira, ocorrida em Pernambuco em fevereiro de 1849, mesmo ano de publicação da obra. Por isso, a questão indígena e as lutas político-sociais são as duas maiores tendências do romantismo brasileiro apresentadas nesse poema, que se destaca pelo forte teor nacionalista.

Duarte explicita que a proposição do poema nisiano contém uma explicação sobre as dificuldades de impressão que o livro teve na corte e insinua a censura que a obra sofreu, talvez porque o livro foi escrito no clímax da Revolução Praieira, conflito entre liberais e conservadores ocorrido durante o período imperial brasileiro e que teve como centro Pernambuco. Essa questão da Revolução Praieira fez com que alguns críticos se referissem ao livro apenas como se tratasse dessa temática em

⁴ Telesila é um nome bem significativo para o poema épico de Nísia, pois Duarte destaca em suas notas que “Telesila, nascida em Argos no ano VI a.C., ficou célebre pela resistência que impôs ao rei de Esparta, Cleómenes, quando este quis invadir sua cidade. Como os homens estavam fora, a derrota parecia inevitável. Então Telesila armou os escravos e as mulheres que, juntos, evitaram a invasão e expulsaram o exército de Cleómenes” (DUARTE, 1997, p. 31).

detrimento da questão indígena, o que é um equívoco, pois o poema contém a conjunção dos dois dramas, tanto o drama do índio brasileiro como o drama vividos pelos liberais durante a Revolução Praieira. Esses dois dramas, portanto, se entrelaçam à medida que o poema se desenvolve.

No seu estudo crítico, Duarte (1997) analisa como os elementos indianistas e do reformismo social estão trabalhados no poema de Nísia, além de explicitar as diferenças e semelhanças do poema *A Lágrima de um Caeté* com outros textos escritos na mesma época. Por fim, Duarte apresenta uma distinção entre os termos indianismo e indigenismo e enquadra a obra nisiana em uma dessas duas perspectivas.

O viés focado na obra de Nísia Floresta é o do vencido e oprimido pela força dos dominantes. O primeiro oprimido é o Caeté, que representa o índio brasileiro, sendo o branco português o seu opressor. A segunda representação do oprimido se relaciona aos liberais, representados, sobretudo, pela figura de Nunes Machado, sendo oprimidos pelos homens do Imperador do Brasil. Assim, como pontua Duarte, a narrativa se constrói em dois tempos históricos: o da colonização e o do Império, respectivamente representados pelo índio e pelos liberais da Revolução Praieira. O índio Caeté, do passado para o presente, perpassa o drama do índio brasileiro sendo espectador da derrota liberal e da sua própria derrota enquanto civilização.

Sozinho, o Caeté medita sobre a dor que enluta sua pátria. Após lembrar-se de seu passado de lutas, o extermínio de seu povo, sua família morta e da morte de Nunes Machado (um dos líderes da Revolução Praieira), ele amaldiçoa o invasor lusitano e os índios que se aliaram a eles. Assim, ele suplica vingança e justiça. Duarte (1997, p. 14) pontua que, “No poema, a vingança dos Caetés se consuma na morte solitária de Camarão, na submissão portuguesa à coroa espanhola, na traição de Calabar, na independência do Brasil”.

Na sua trajetória, o protagonista Caeté vê três figuras antropomorfizadas: a Liberdade, a Realidade e o Despotismo. Assim, o Caeté quer defender a Liberdade (alusão à vingança pelos liberais e por seus povos) mas, a Realidade chama-o à razão. Instiga-o a voltar às selvas, onde poderá ser livre, e assim ele faz. No final, o tom de elegia continua, pois o herói chora a morte dos seus e de Nunes machado. Dessa forma, o índio Caeté apresenta-se consciente de sua condição de derrotado do início ao fim do poema.

Assim, entre defender ideais e sobreviver, o índio decide pela sobrevivência, pela fuga, percebendo a necessidade de se afastar da cidade como condição de autopreservação. O ato de fugir representa uma atitude heroica, através da fuga, a cultura pode ser preservada. Além disso, a voz do oprimido pode assumir um lugar de resistência diante de uma situação adversa de tortuosa escravidão física e cultural imposta através do poder bélico do europeu.

O índio retratado por Nísia não é aquele do *bom sauvage*, divulgado nas ideias de Rousseau. Assim, Duarte (1997, P. 18) ressalta que, para a representação do índio no poema de Nísia “Não cabem, pois, no quadro de caracterização deste índio, os epítetos de “inocente”, de “puros” e de “bondade natural”, idealizados nas teorias filosóficas europeias”. No poema nisiano, ao contrário de muitos poemas indianistas escritos naquela época, temos não uma idealização do índio, mas sim a explanação da verdadeira situação desses povos, destacando o etnocídio, o extermínio dos indígenas, a perda de suas terras e a repressão. Tendo isso em vista, a autora apresenta um discurso denunciador da opressão.

Nessa perspectiva, Duarte (1997) pontua que Nísia “Longe de mitificar seu personagem, ela o constrói a partir de dados concretos retirados da realidade brasileira. Tanto é assim que seu herói é um índio vencido. Desde o início, vencido”. Dessa forma, Nísia se afasta da vertente idealizadora do índio, que sempre o coloca com uma imagem de bravo e forte.

No que tange à associação do drama indígena com o drama vivido pelos liberais pernambucanos, Nísia aponta Nunes Machado como um descendente dos bravos Caetés, ganhando, inclusive, atributos de um verdadeiro herói indígena. Ao ver o herói Nunes Machado morto, o Caeté sofre mais ainda, como se aquela derrota também fosse sua, ambos foram derrotados por seus opressores. A denúncia dos problemas de seu tempo e o envolvimento com as causas do índio e dos liberais impedem que a autora adote uma postura do Romantismo idealizante, pois, na ótica romântica, o índio era visto como o “bom selvagem”, cujo comportamento era idealizado, assim como ocorre em “Canção do Tamoio”, de Gonçalves Dias, por exemplo.

É importante destacar que o nacionalismo, outra característica marcante do Romantismo, está muito presente na poesia épica de Nísia. Percebemos isso quando a autora apresenta a invocação de sua obra⁵:

Ó terra de meus pais, ó Pátria minha!
Que seus restos guardando, viste de outros
Longo tempo a bravura disputar
Ao feroz estrangeiro a Pátria nossa,
A nossa liberdade, os frutos seus!...
Recolhe o pranto meu, quando dispersos
Pelas vastas florestas tristes vagam
Os poucos filhos teus à morte escapos,
Ao jugo de tiranos opressores,
Que em nome do piedoso céu vieram
Tirar-nos estes bens que o céu nos dera!
As esposas, a filha, a paz roubar-nos!...
Trazendo d’além-mar as leis, os vícios,

⁵ Com uma invocação – foco de nossa pesquisa de Iniciação Científica – destinada à pátria, Nísia demonstra o sentimento nacionalista em sua obra, contribuindo com o projeto de construção de uma identidade nacional em nossa literatura.

Nossas leis e costumes postergaram!
Por nossos costumes singelos e simples
Em troco nos deram a fraude, a mentira.
De bárbaros nos dando o nome, que deles
Na antiga e moderna História se tira
(NÍSIA, 1997, p.38).

Em relação a textos da mesma época, Duarte pontua que além das inúmeras semelhanças, também existem grandes diferenças relacionadas a questão do índio na Literatura do período romântico. Enquanto muitos escritores idealizavam o índio e apresentavam histórias de convívio com o branco, Nísia, por outro lado, acentuava as diferenças e preconiza a impossibilidade da convivência do índio com o homem branco. Diferentemente do índio alencariano, por exemplo, que se conforma passivamente em abrir mão dos seus costumes, da sua origem e da sua cultura sua cultura para estar próximo ao branco, o índio de nisiano não se conforma com as perdas sofridas, mas olha para o que restou com tristeza e saudade. A nostalgia da infância, tema tão caro ao Romantismo, aqui se torna nostalgia de um território já perdido, de uma cultura entrando em extinção.

Dessa forma, Duarte (1997) analisa como o poema de Nísia é inovador e realiza uma ruptura com o indianismo romântico até então vigente. Ela nos apresenta um estudo crítico que Maria José Queiroz realizou sobre a questão da abordagem da problemática do índio. Segundo Duarte, em sua obra *Do Indianismo ao Indigenismo – Nas letras hispano-americanas* (1962), Queiroz explicita e apresenta as diferenças entre os termos “indianismo” e o “indigenismo”. O indianismo, para ela, é uma retomada da temática indígena sob moldes românticos, em que o índio é representado como herói, a partir de diversas perspectivas devido ao estilo e à ideologia da época, isto é, o índio apresentado como um bom selvagem, seguindo a filosofia europeia. Já o indigenismo nos traz uma visão mais próxima do que seria o índio e seu estado natural. O indigenismo, portanto, é responsável por moldar o índio na sua forma natural de ser, com os seus costumes, cultura, vícios, representados numa ótica mais próxima do real, sem idealizações ou complexos de heroísmo, tratando o índio como ele realmente é, mostrando sua realidade mais triste.

Duarte, por fim, pontua que a obra *A Lágrima de um Caeté* se aproxima mais da perspectiva indigenista, que também se identifica com o pendor realista de crítica social e histórica, pois, através de um texto recheado de denúncias, Nísia dá a voz aos oprimidos, mostrando-se sensível ao sofrimento deles. Denunciando a situação real da vida dos índios e da derrota dos liberais, a autora se afasta do idealismo indígena, se aproximando, conseqüentemente, de uma crítica social.

Dessa forma, através da fusão de duas derrotas, a do extermínio de uma tribo indígena e a derrota dos liberais, Nísia, em sua obra, recria o real na medida em que constrói seu repertório buscando na história passada e na presente, fatos e personagens verídicos. Portanto, O poema se

inscreve de forma tão original e inovadora entre os escritos indianistas do período, que nos permite, inclusive, considerá-lo, assim como Duarte (1997), um legítimo representante do indigenismo precursor de nossas letras, configurando “uma nova temática indígena do nosso romantismo” (DUARTE, 1997, p. 26).